

# MORTES DE HOMENS JOVENS POR HOMICÍDIO NA CAPITAL DO MATO GROSSO DO SUL - MS: ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES DESCRITAS NA MÍDIA<sup>1</sup>

Alberto Mesaque Martins<sup>2</sup>

Thiago Mikael-Silva<sup>3</sup>

Gabriel Recalde Dal Vesco<sup>4</sup>

João César Anes Dutra<sup>5</sup>

Carlos Eduardo da Costa Medeiros<sup>6</sup>

**Resumo:** Partindo da perspectiva dos estudos de gênero e de masculinidades, este estudo visa analisar as implicações do processo de construção social das masculinidades no envolvimento de homens jovens em ocorrências de homicídios. Foram examinadas 2285 notícias veiculadas no jornal eletrônico “Campo Grande News”, publicadas entre os anos de 2015 a 2020, analisadas com auxílio do software IRAMUTEQ. Constata-se a centralidade do modelo de masculinidade hegemônica e das tecnologias de gênero como fatores psicossociais que contribuem para as causas de homicídio. A temática ainda é abordada em uma perspectiva jurídica e de segurança pública, em detrimento de uma abordagem psicossocial de saúde.

**Palavras-Chave:** Saúde do Homem; Homicídios; Masculinidades.

**Abstract:** From the perspective of gender and masculinities studies, this research aims to analyze the implications of social construction of masculinities in the involvement of young men in homicide incidents. 2285 news articles published on the “Campo Grande News” electronic newspaper were analyzed, between the years 2015 and 2020, with the assistance of the IRAMUTEQ software. Otherwise, the hegemonic masculinity model centralities and gender technologies appear to be psychosocial factors contributing to the causes of homicide. The issue still is addressed from a legal and public safety perspective, rather than a psychosocial health approach.

**Keywords:** Men’s Health; Homicides; Masculinities.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional.

1 A produção deste trabalho contou com o apoio do CNPq.

2 Doutor em Psicologia - Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto - Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: albertomesaque@yahoo.com.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-6032-3122>>.

3 Doutor em Psicologia - Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: thiagomikael@hotmail.com. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5626-9955>>.

4 Psicólogo - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: gabriel.recalde@ufms.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-0500-7837>>.

5 Psicólogo - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: joao.dutra@ufms.br. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-7101-7024>>.

6 Acadêmico de Psicologia - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: eduardo\_medeiros@ufms.br. ORCID: <<https://orcid.org/0009-0008-3842-1560>>.

## Introdução

Nas últimas décadas, estudos vêm apontando para a necessidade de se considerar as implicações psicossociais nas análises de adoecimento e mortalidade da população masculina (Brasil, 2009; Dantas, 2023; Schwartz *et al.*, 2012; Silveira, Melo, Barreto, 2017). No Brasil, assim como em outros países da América Latina, os homens vivem cerca de sete anos a menos do que as mulheres e encontram-se mais vulneráveis a diversos tipos de agravos e enfermidades (Brasil, 2009; Cesaro, Santos, Silva, 2019; Cordeiro *et al.*, 2023; Vasconcelos *et al.*, 2019). Além disso, outros estudos vêm constatando a menor adesão masculina às ações de promoção da saúde e prevenção de doenças, assim como um maior distanciamento dos homens dos serviços de saúde, em especial aqueles no âmbito da Atenção Primária (Dantas, 2023; Schwartz *et al.*, 2012; Souza, 2018). Nesse sentido, ainda hoje, é recorrente que os homens utilizem, com maior frequência, os serviços de urgência e emergência, em situações de doença já manifesta e em estado já avançado de adoecimento (Brasil, 2009; Martins, Modena, 2017; Silva, 2018).

Diversos estudos vêm chamando a atenção para a existência de barreiras culturais e institucionais que, muitas vezes, inviabilizam a vinculação dos homens aos serviços de saúde e às práticas de autocuidado (Burrile, 2018; Dantas, 2023; Gomes, 2011; Schraiber *et al.*, 2010). Nessa perspectiva, é preciso considerar as implicações dos modos como, ainda hoje, os homens são socializados, os quais refletem os diferentes sentidos culturalmente atribuídos e difundidos acerca do “ser um homem de verdade” (Connel, Messerschmidt, 2013; Gomes, 2011; Schraiber *et al.*, 2010; Vasconcelos *et al.*, 2019).

Assim, em uma sociedade machista e patriarcal como a brasileira, os homens ainda são percebidos como hierarquicamente superiores às mulheres e supostamente dotados de uma natureza viril, onde a força física, a coragem e o sentimento de invulnerabilidade se mostram como atributos biológicos essenciais e permanentes desses sujeitos (Connel, Messerschmidt, 2013; Gomes, 2011; Martins, Modena, 2017; Vasconcelos *et al.*, 2019). Desde tenra idade, os homens brasileiros se veem com a necessidade de comprovar a sua virilidade, frequentemente validada por meio da exposição dos meninos e jovens a diversas situações de risco, por meio das quais devem, a qualquer custo, defender a sua honra e atestar frente aos demais a sua masculinidade (Connel, Messerschmidt; 2013; Gomes, 2011; Vasconcelos *et al.*, 2019).

Tratando-se do contexto brasileiro, o grupo das causas externas, especialmente os homicídios, os acidentes de trânsito e os suicídios configuram-se como a principal causa de adoecimento, internação e morte

masculina, comprometendo o bem-estar e a qualidade de vida, além de reduzir a expectativa de vida de muitos homens (Brasil, 2009; Cesaro, Santos, Silva, 2019; Cordeiro *et al.*, 2023; Martins, Modena, 2016; Vasconcelos *et al.*, 2019; Martins *et al.*, 2024). A morbimortalidade masculina por causas externas, portanto, vem sendo considerada como um dos principais problemas de Saúde Pública, sendo mais expressiva nas capitais e nos grandes centros urbanos (Mascarenhas, Barros, 2015; Malta *et al.*, 2017; Souto *et al.*, 2017), mas também presente em contextos rurais e indígenas (Ferreira, Matsuo, Souza, 2011; Miranda, 2020).

O mesmo vem se repetindo no estado do Mato Grosso do Sul (MS), contexto de desenvolvimento do presente estudo. De acordo com dados recentes (IBGE, 2020), as mortes por causas externas, em Campo Grande, representam 27% das mortes no MS. Analisando os prontuários de vítimas de ferimentos por armas de fogo, atendidas pelas Unidades de Suporte Avançado do Sistema de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), da cidade de Campo Grande/MS. Sanches, Duarte e Pontes (2009) também constataram a maior vulnerabilidade dos homens a esse agravo. Segundo os autores, na capital sul-mato-grossense, anualmente, observa-se uma média de 109,5 homens acometidos por ferimentos de arma de fogo, correspondendo a 94% dos atendimentos, com uma maior vulnerabilidade entre os homens adolescentes e jovens (Sanches, Duarte e Pontes, 2009). Silva, Pontes e Tognini (2012) também encontraram resultados parecidos com um número significativo de homens hospitalizados por ferimentos de armas de fogo, correspondendo a 58,9% das internações masculinas na capital sul-mato-grossense. Além disso, é preciso ressaltar que os jovens pobres, pardos e negros, com menor escolaridade e que residem nos bairros periféricos da capital sul-mato-grossense encontram-se mais expostos aos homicídios, sendo, portanto, ainda mais vulneráveis aos agravos e aos óbitos relacionados às armas de fogo (Nachif, 2006; Sanches, Duarte, Pontes, 2009; Martins *et al.*, 2024).

Esses dados apontam para a necessidade de considerarmos o processo de construção social das masculinidades nas análises dos homicídios masculinos. Nesse sentido, é preciso levar em conta que, apesar da coexistência de múltiplas possibilidades de exercer as masculinidades, ainda se constata a predominância de um padrão, denominado por Connel (2005), de modelo de masculinidade hegemônica. Segundo a autora, trata-se de um padrão de práticas idealizadas e desenvolvidas por homens cotidianamente, bem como uma diversidade de expectativas sociais que determinam o que é esperado de um “homem de verdade” em detrimento de outros modos de vivenciar as masculinidades (Connel, 2005; Connel, Messerschmidt, 2013). Embora

os padrões impostos pelo modelo de masculinidade hegemônica dificilmente possam ser alcançados, na íntegra, por grande parte dos homens comuns, este se configura como um padrão normativo que passa a ser desejado e perseguido cotidianamente (Connel, 2005). Essa busca, portanto, exige que os homens exerçam vigilância sobre seus pensamentos, sentimentos e comportamentos e que se esforcem para adequar seus modos de vida aos ideais impostos por esse modelo (Connel, 2005), impactando, frequentemente em seu bem-estar, qualidade de vida e estado de saúde (Alves *et al.*, 2020; Martins *et al.*, 2020; Schwartz *et al.*, 2012).

Assim, este estudo teve como objetivo analisar as implicações do processo de construção social das masculinidades no envolvimento de homens jovens em ocorrências de homicídios divulgadas pela mídia na cidade de Campo Grande/MS.

## 1 Método

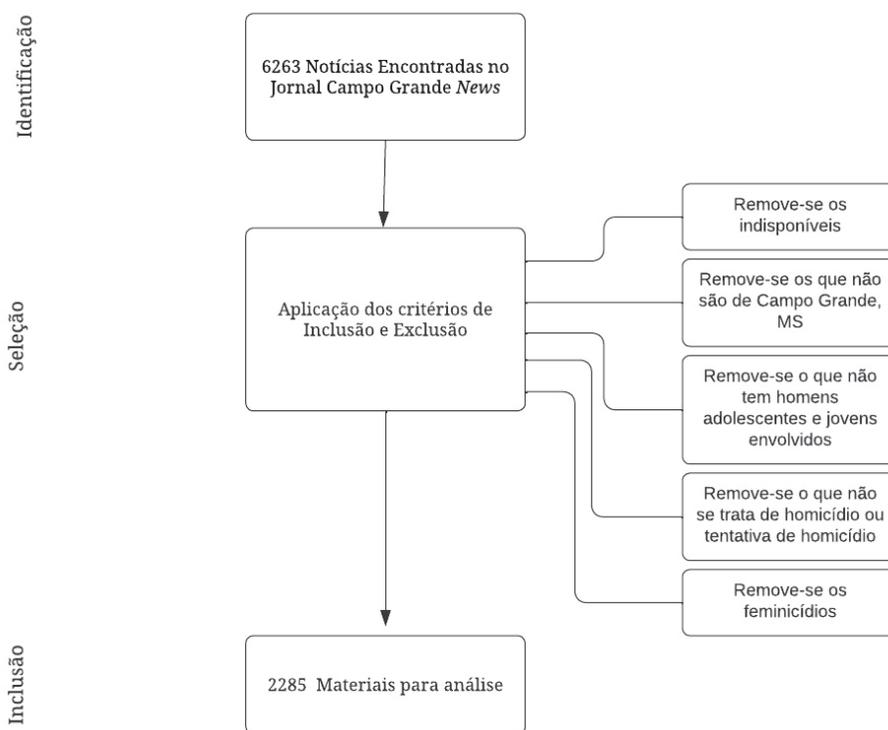
Na perspectiva da Pesquisa Documental (Cellard, 2014), foram analisadas reportagens acerca do envolvimento de homens adolescentes e jovens em ocorrências de homicídios em Campo Grande/MS, veiculadas no jornal eletrônico “Campo Grande News”, um jornal de ampla circulação no estado, com milhões de acessos (Campo Grande News, 2023). Vale ressaltar que a imprensa, em especial os jornais de grande circulação, são considerados como um instrumento (Bezerra, 2023; Chartier, 2014; Silvia, Franco, 2010) com grande potencial de qualificar o contexto de ocorrência das causas externas no âmbito da saúde pública. Em continuidade, os jornais eletrônicos já têm sido utilizados em outras pesquisas (Nascimento e Binsztok, 2022).

As buscas foram realizadas no sistema de filtragem disponível na plataforma online do jornal “Campo Grande News”, tendo sido utilizado o termo “homicídio” com um filtro temporal para se chegar às reportagens publicadas entre 2015 e 2020, o que permitiu a identificação de matérias que noticiam situações de envolvimento de homens adolescentes e jovens nessas causas externas. As notícias identificadas foram organizadas em uma planilha de Excel por três autores. Ao todo foram encontradas 6.263 notícias, às quais aplicaram-se os métodos de inclusão e exclusão que também podem ser vistos no fluxograma da Figura 1.

Foram consideradas apenas as notícias relacionadas à população masculina de adolescentes e jovens de Campo Grande, isto é, que contivessem homens de 15 a 29 anos e que relataram notícias de homicídio ou tentativas dessa ocorrência, envolvendo a população masculina como autores e/ou vítimas.

Sendo assim, foram excluídas as notícias que não continham a participação de homens adolescentes e jovens em homicídios, as que não retratavam situações de homicídio e as que relataram casos exteriores ao município de Campo Grande. Optou-se também por remover as notícias que retrataram casos de feminicídio, pois apesar de envolver a população masculina, o objetivo do trabalho foi o de compreender o envolvimento de homens na morte de outros homens. Além disso, entende-se a necessidade de se separar os homicídios comuns dos feminicídios, que envolvem causas ainda mais específicas dentro dos estudos de gênero (Caicedo-Roa, Bandeira e Cordeiro, 2022; Galdino e Chaban, 2020; OMS, 2012; Scheibler, 2023), restando 2285 materiais para análise.

Figura 1 - Fluxograma de inclusão e exclusão das notícias encontradas no jornal “Campo Grande News”.



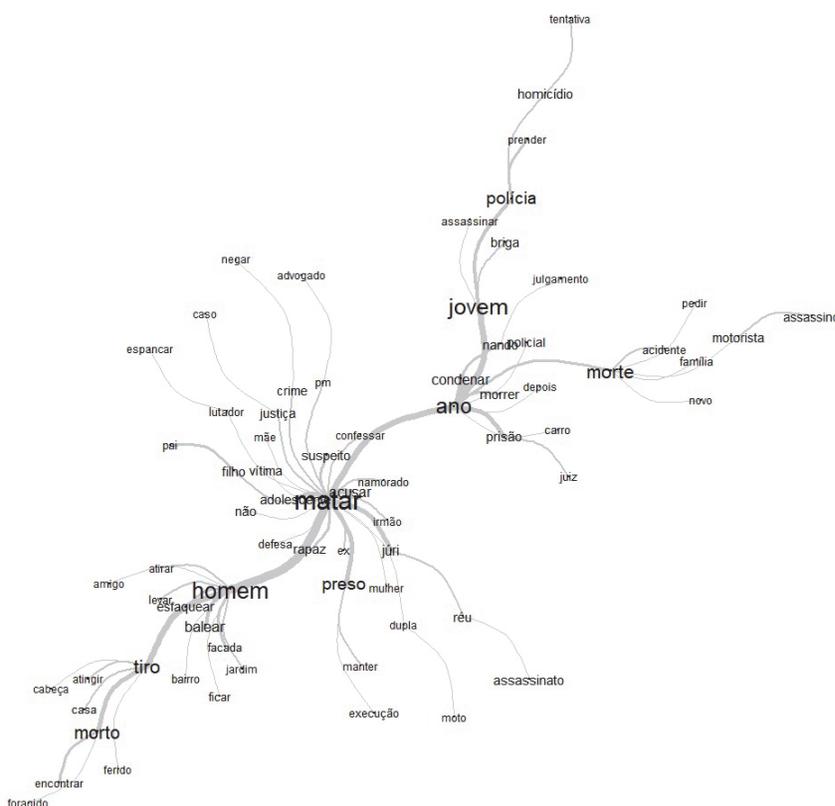
Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Considerando o grande volume de textos, a análise dos dados foi mediada pelo uso do software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), considerando a gratuidade do software e as possibilidades de visualização que ele apresenta, facilitando a

apresentação de dados e das relações que determinadas palavras têm nos textos dessas notícias (Camargo, Justo, 2013). Tendo em vista esse grande número, optou-se também por se utilizar no software apenas as manchetes, isto é, os títulos das notícias, considerando que elas traçam elementos interessantes para análise, visto que as manchetes são o primeiro contato do leitor com a notícia e tem por função convidar à leitura (Amaral, 2009; Cunha, 2010; Pereira, 2023).

Em sequência, foram produzidas, por meio do software, diferentes imagens facilitadoras de análise, como a análise de similitude (Figura 2) e a nuvem de palavras (Figura 3). Buscou-se evidenciar, à luz do referencial teórico adotado, elementos que permitissem compreender a influência do processo de construção social das masculinidades no envolvimento desse grupo de homens em causas externas (Camargo, Justo, 2013; Tinti, 2021).

Figura 2 - Análise de similitude com manchetes de homicídio de homens por outros homens em Campo Grande/MS.



Fonte: elaborado pelos autores (2023).



## 2 Resultados e Discussão

Dentre os resultados encontrados, por meio da análise de similitude (Figura 2), percebe-se que a palavra “matar” se encontra em evidência. Um dos fatos que conectam o aparecimento desta palavra ao operador “homicídio” encontra-se na definição de homicídio, referido como um “termo jurídico referente ao ato (voluntário ou involuntário) caracterizado pela destruição da vida de outrem” (Dicionário Michaelis, 2023).

Outro fato interessante é a proximidade da palavra “homem” dos métodos de homicídio, sobretudo “baleiar” e “esfaquear”, que foram os mais proeminentes nas reportagens. Além disso, essa proximidade também reflete o fato de que, na maior parte das notícias, foram registrados homens matando outros homens. Esses dados refletem a realidade brasileira, na qual os homens são donos de mais de 90% das armas de fogo no Brasil e são os maiores causadores e vítimas de mortes por armas de fogo (Ipea, 2023; Maia, *et al.*, 2019; Marchesini, 2021; Souza, 2005). Além disso, outros estudos também vêm constatando que o público masculino é o principal autor e a principal vítima dos homicídios (Brasil, 2009; Marchesini, 2021; Sanches, Duarte, Pontes, 2009; Martins *et al.*, 2024).

Ademais, pode-se perceber uma linha que associa esses altos números a um fator histórico e a um exercício de reprodução das expectativas sociais em relação aos homens – defenderem sua honra e provar sua virilidade (Connel, Messerschmidt, 2013; Medrado, Lira, 2012; Zanello, 2019) – e à manutenção das tecnologias de gênero (Connel, Messerschmidt, 2013; Corbin, Courtine, Vigarello, 2013; Zanello, 2019). Historicamente, ao nascer, a sociedade estabelece papéis de gênero baseados em seu sexo biológico, os quais devem ser desempenhados e são reforçados, incentivados e mantidos ao longo da vida do sujeito (Medrado, Lira, 2012; Miranda, 2020; Zanello, 2019), por vezes de forma violenta e coercitiva (Connel, Messerschmidt, 2013; Fornari, Fonseca, 2023; Gomes, 2011).

Aos homens, especificamente os cisgêneros e heterossexuais, atribui-se um lugar de destaque e dominação no espaço público como grandes detentores dos meios de produção e das instituições (Bordieu, 2010; Connel, Messerschmidt, 2013; Fornari, Fonseca, 2023). A instituição de um modelo do homem ideal e correto cria o que se compreende por masculinidade hegemônica, a única masculinidade entendida socialmente como correta e permitida (Connel, 1995; Vasconcelos, *et al.*, 2019; Zanello, 2019). Sendo assim, a esses indivíduos estabelecem-se tecnologias de gênero que os impelem a ser uma coisa e impedem de ser outra (Brito, 2021; Thomaz, Santos, Toletto, 2021; Zanello, 2018).

A partir do modelo de masculinidade hegemônica, mantêm-se crenças de que o indivíduo do sexo masculino deve apresentar os comportamentos que essa sociedade considera como “fortes”, “viris” e, portanto, masculinos (Corbin, Courtine, Vigarello, 2013; Thomaz, Santos, Toledo, 2021; Zanello, 2018). Haja vista que nesse modelo a masculinidade agressiva que defende seus direitos e “honra” é incentivada, encontramos uma relação entre os homens e o matar desde a antiguidade e em diversas sociedades (Brasil, 2009; Corbin, Courtine, Vigarello, 2013; Fornari, Fonseca, 2023; Priore, Amantino, 2013).

No conjunto dos dados, evidencia-se também a aparição da palavra “jovem” na análise das Figuras 2 e 3. Assim como há representações sociais de gênero em nossa sociedade que indicam nossos papéis e ditam comportamentos como adequados ou inadequados e carregam diversos estereótipos (Moscovici, 2005), há também representações sociais acerca do que é ser jovem (Castillo, 2023; Cruz, Rosa, Coutinho, 2016; Nascimento, Calsa, 2017). As tecnologias de gênero também constroem o repertório de determinados comportamentos adequados para jovens e incentivam os homens a afirmarem a sua masculinidade (Castillo, 2023; Nascimento, Calsa, 2017; Zanello, 2018). Souza (2005) já indicava que o interesse dos adolescentes e jovens homens por armas e carros reflete a cultura da violência.

Também é preciso levar em conta que é nessa faixa etária que ocorrem as maiores taxas de mortes por causas externas (Martins *et al.*, 2023; Matos, Martins, 2013; Padilha, 2023; Sanches, Duarte, Pontes, 2009; Silva, *et al.*, 2023; Martins *et al.*, 2024), pois entende-se que os comportamentos de impulsividade e risco são ainda mais incentivados nessa idade. Embora diversos estudos tentem justificar esse ocorrido pela ótica biológica e cognitiva, sabe-se que reduzir a motivação causal a esses determinantes pode ser um caminho tendencioso, tendo em vista o contexto social específico no qual adolescentes e jovens periféricos, negros e membros da comunidade LGBTQIAPN+ estão inseridos e configuram-se como os mais afetados, revelando uma necropolítica social, de vulnerabilidade à violência e de negação do acesso à subsistência. (Brasil, 2009; Mendes e Silva, 2020; Silveira, Melo e Barreto, 2017; Padilha, 2023).

No conjunto de dados analisados, constata-se também a presença das palavras “mulher”, “ex”, “marido”, “esposo”, “namorado”, além das palavras “ciúme” e “defender”, em ambas as imagens. Esses dados parecem apontar para uma relação de motivação de crimes antes definidos como “passionais”, que contempla o ciúme, a defesa da honra e os acessos de raiva. Nesse

sentido, destacam-se notícias como “Jovem morre em troca de tiros com o atual marido da ex” (Fernandes, 2020); “Homem acusa marido da ex de estupro e tenta matá-lo” (Garnes, 2020), “Polícia prende jovem que armou cilada para matar o atual namorado da ex” (Faustino, 2016), em que fica clara a presença de elementos da masculinidade hegemônica como motivação de homicídios.

Tais comportamentos já estão sendo amplamente explicados à luz das teorias de gênero (Bourdieu, 2010; Medrado, Lira, 2013; Valério, Castro, Florêncio, 2022) e evidenciam os comportamentos masculinos de posse sobre a mulher e de necessidade de defender o chamado “sexo frágil”, utilizando-se também de métodos agressivos, de coerção e opressão. De acordo com Guerra *et al.* (2015), o conceito de “honra” também é um fato relevante na ocorrência de feminicídios e suicídios masculinos, não só no Brasil, mas no mundo, de modo que ainda prevalecem o modelo de masculinidade hegemônica e as concepções tradicionais de gênero (Gomes, 2023; Guerra *et al.*, 2015).

Outro fator relevante, identificado no conjunto de notícias e que indica a necessidade de se considerar questões de gênero ao tratar das ocorrências de homicídios, diz respeito ao destaque das palavras “rival” e “amigo”, como nas notícias: “Jovem é assassinado com tiro no ombro por antigo rival” (Zurutuza; Menezes, 2017); “Acusado de tentar matar traficante rival a tiros é condenado a 8 anos de prisão” (Frias, 2019); “Durante discussão adolescente de 17 anos é esfaqueado pelo amigo” (Garnes, 2017). Esses termos indicam a dinâmica das interações sociais masculinas, marcadas pela competitividade e agressividade, criando um clima de rivalidade nas relações masculinas (Bourdieu, 2020; Martins *et al.*, 2023). Além disso, também revelam o envolvimento de homens em facções e organizações criminosas, que também se transformam em contextos de (re)produção de masculinidades, traduzidos na “justiça com as próprias mãos” e na luta contra o estado por acesso a direitos básicos (Cechetto, 2004; Gontarek *et al.*, 2018; Mendes e Silva, 2020; Moraes, Pordeus, Silva, 2023; Padilha, 2023). Além disso, remetem à busca por defender determinado território, o que incentiva a rivalidade e a busca de soluções por meio da violência (Bourdieu, 2010; Gomes, 2011; Guerra *et al.*, 2015; Silva, 2022; Valério, Castro, Florêncio, 2022).

Outros dados relevantes encontram-se nas palavras “policial”, “preso”, “justiça” e “prisão”, que podem ser visualizadas em ambas as figuras. A polícia, no Brasil, é a responsável por lidar, diretamente e dizer sobre o status da morte daquele indivíduo, e o faz de maneira judicial (Oliveira e Sousa, 2022).

Visto que a própria definição da palavra “homicídio”, citada anteriormente, advém do meio jurídico, é o policial que determina se a morte por assassinato foi consumada ou não. De acordo com Oliveira e Sousa (2022), as prisões e a resolução de crimes no Brasil estão pouco ligadas às questões de ressocialização e de reintegração enquanto processos judiciais, mas muito mais ligadas a um caráter punitivista, sádico ou de vingança.

No presente estudo, os dados revelam um conjunto de notícias que denotam violência policial, como nos seguintes títulos: “Suspeito de roubar mototaxista morre em confronto com a polícia” (Oliveira, 2016) e “Choque diz que usa força proporcional e não teme ser polícia que mata” (Rodrigues, 2016). A violência policial é um assunto amplamente discutido à luz das teorias de gênero (Bourdieu, 2010; Modesto *et al.*, 2019; Oliveira e Sousa, 2022), visto que a polícia, no Brasil e no mundo, é uma instituição proeminentemente masculina, branca e patriarcal (Alves, 2016; Grisoski, 2022; Soares, Musumeci, 2005). A própria inclusão de mulheres no corpo policial é muito recente e, mesmo que incluídas, sempre foram vistas enquanto forças complementares e com um papel menor do que o dos homens (Grisoski, 2022; Soares, Musumeci, 2005).

Autores como Modesto *et al.* (2019) também indicam que a violência policial é exercida principalmente contra populações não pertencentes ao modelo patriarcal e de masculinidade hegemônica, isto é, direcionada a populações em vulnerabilidade social, em sua maioria mulheres, pessoas negras, idosos e LGBTQIAP+ e suas interseccionalidades. Vale ressaltar também que diversos casos de violência policial são subnotificados (Modesto *et al.*, 2019).

Em especial, no contexto sul-mato-grossense, é pertinente jogar luz especial no contexto dos povos indígenas, que passam por um contexto histórico de conflitos com as forças do Estado, enquanto mantenedoras dos interesses dos latifundiários dentro do embate da luta pela terra no Estado. Também nesse sentido, a taxa de homicídio contra a população indígena no Estado supera o dobro da média nacional e, por fim, lideranças indígenas pedem especialmente pela formação de políticas contra a violência policial contra indígenas no MS (APIB, 2023).

Segundo Wanzinack *et al.* (2019), a questão indígena no Estado pode ser pensada sob a ótica do genocídio da população indígena enquanto consequência dos processos históricos da expansão colonial em solo brasileiro, que se traduz na atualidade em novas formas, como o racismo e a já citada luta pela terra, que afetam direta e indiretamente o agravamento das vulnerabilidades da população indígena, como dificuldade de acesso a emprego, saúde, em

casos de alcoolismo e no aumento da violência, em especial de homicídios. Existe uma prevalência de homicídios de homens jovens indígenas em todo o território brasileiro, mas as maiores taxas de ocorrência se encontram no MS e em Roraima, bem como indica a problemática de subnotificação de casos.

A presença da palavra “passagem” nas figuras também indica o contato ou encontro anterior com a polícia e possíveis prisões anteriores, por motivos parecidos ou não. Ademais, a maioria das pessoas que praticaram crimes no Brasil já tiveram contato com a polícia por algum tipo de crime anterior (Brasil, 2015), demonstrando a reincidência no crime, mesmo após prisão e institucionalização. A taxa de reincidência de crimes no Brasil é superior a 70%, o que nos leva a questionar sobre a possibilidade de outros métodos mais eficazes para a mudança de comportamento e ressocialização desses homens (Brasil, 2015).

Tal contexto evidencia o caráter judicial e punitivo enfatizado pelas notícias em detrimento de outras concepções mais humanizadas e atreladas aos determinantes sociais (Cavalcanti, Monteiro, 2008; Cerqueira, 2022; Gawryszewski *et al.*, 2008). Além de serem compreendidas enquanto questões de cunho jurídico e judicial, as causas externas precisam ser consideradas enquanto questões de saúde coletiva para que o estado possa realizar ações efetivas de enfrentamento, incluindo as de prevenção (Cerqueira, 2022; Luizaga, 2010).

Não obstante, ao considerar que o material analisado foi composto pelas manchetes, isto é, os títulos, verifica-se a necessidade de se refletir sobre como as mídias, por vezes, utilizam-se de frases e sintaxes sensacionalistas em busca de angariar uma maior quantidade de leitores (Amaral, 2009; Cunha, 2010; Pereira, 2023; Rondelli, Herschmann, 2000). Outro fator que reforça essa reflexão é o aparecimento de nomes próprios, o que demonstra que casos cuja repercussão for considerada maior ou mais grave terão mais notícias do que outros que não serão considerados nesse escopo (Bezerra, 2023; Chartier, 2014; Silvia e Franco, 2010). Ao insistir num recorte social, tal reflexão enfatiza a mídia como uma instituição que faz parte da sociedade e carrega consigo seus valores e ideologias (Bezerra, 2023; Silvia e Franco, 2010).

Por fim, é preciso levar em conta que o enfoque punitivista acaba comprometendo a discussão do problema da violência como uma questão de saúde coletiva e ligada às mortes evitáveis, ocultando as relações que a violência parece manter com padrões de masculinidade hegemônica.

### 3 Considerações Finais

No decorrer do presente artigo, foi possível constatar algumas formas como a masculinidade hegemônica se faz presente na sociabilidade dos homens e em seus encontros fatais, em sua maioria marcados pela violência como ferramenta mediadora da manutenção da própria masculinidade frente a si mesmo e a outrem. As manchetes trazem recortes de raça e classe, tendo homens pobres e não brancos tanto como agressores quanto como vítimas (de outros homens pobres e não brancos). Essa realidade está em conformidade com a literatura e os estudos epidemiológicos, os quais evidenciam a desigualdade sofrida especialmente pelas populações marginalizadas.

Contudo, foi possível também constatar limitações no escopo da pesquisa, uma vez que a restrição às manchetes deixou de fora das análises informações mais detalhadas dentro do corpo das notícias. Além disso, a ocorrência de várias notícias de um mesmo homicídio pode ter influenciado a análise do software. É notável também a invisibilização das manchetes sobre a ocorrência de crimes com homens trans e não héteros, não sendo possível colher dados importantes sobre tais recortes populacionais, muitas vezes invisibilizados nos próprios estudos de gênero.

Por fim, o presente estudo se mostra relevante para os estudos de gênero, uma vez que lança luz sobre a forma como a mídia noticia casos de homicídios entre homens e, não raro, acaba por reforçar estereótipos de gênero como virilidade e honra. Abre oportunidade também para que sejam realizadas mais pesquisas no escopo, que abranjam outros veículos de notícia e informações que vão além da análise das manchetes.

Os resultados da presente investigação reforçam a necessidade de um debate interdisciplinar sobre as temáticas das causas externas, indicando a necessidade de análises que levem em consideração os marcadores sociais de gênero, raça/etnia, classe social e aspectos geracionais. Apesar de desafiador, esse debate poderá auxiliar na construção de ações e programas de saúde e educação voltados para a população masculina e que considerem os determinantes sociais que colocam os homens em situação de maior suscetibilidade às causas externas e reduzem suas possibilidades de vida, como nas ocorrências de homicídios.

## Referências

ALVES, Adriano dos Anjos. **Ser policial militar no norte de Goiás: o cotidiano dos policiais do 3º BPM e o processo disciplinar em função do consumo de bebidas alcoólicas (1979-1982)** - Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal do Tocantins. 2016.

AMARAL, Márcia. Franz. “Oh, meu Deus! Manchetes e singularidades na matriz jornalística melodramática”. In: **Revista Eco-Pós**, v. 10, n. 2, p. 113-127, 2009.

ARTICULAÇÃO DE POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). **Diante dos ataques históricos aos Guarani e Kaiowá no MS, o Departamento Jurídico da Apib pede no STF que a violência policial no Estado seja investigada**, 2023. Disponível em: <<https://apiboficial.org/2023/04/17/diante-dos-ataques-historicos-aos-guarani-e-kaiowa-no-ms-o-departamento-juridico-da-apib-pede-no-stf-que-a-violencia-policial-no-estado-seja-investigada/>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

BEZERRA, Giovani Ferreira. “Nos bastidores da pesquisa histórica: proposições sobre manipulação e tratamento documental de impressos periódicos”. In: **Cadernos de História da Educação**, v. 22, n. 172, p. 1-21, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem: princípios e diretrizes**. Brasília, DF, 2009.

\_\_\_\_\_. **Reincidência criminal no Brasil**. Relatório de pesquisa. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

BRITO, Leandro Teófilo. “Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/ cuir/kuir: disputas no esporte”. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. 1-14, 2021.

CAICEDO-ROA, Mônica; BANDEIRA, Lourdes Maria; CORDEIRO, Ricardo Carlos. “Femicídio e Feminicídio: discutindo e ampliando os conceitos”. In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 30, p. 1-16, 2022.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. “IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais”. In: **Temas em psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518. 2013.

CAMPO GRANDE NEWS. **Campo Grande News - Conteúdo de Verdade**. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

CASTILLO, Jacqueline Leiva; CARRASCO, Mariela Rabanal; PALMAS, Daira Cabrera; ABARCA, Javiera Canales; AGUIRRE, Marielle Gormaz; ESPINOZA, Javiera Meza; MORALES, Valeria Morandé. “Comportamentos

sociais e de saúde da adolescência representados no Tiktok”. In: **Enfermeria: cuidados humanizados**, v. 12, n.1, 2023.

CAVALCANTI, Alessandro Leite; MONTEIRO, Bárbara Vanessa. “Mortalidade por causa externa Campina Grande, Paraíba, Brasil”. In: **Sci Med**, v. 18, n. 4, p. 160-165, 2008.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CELLARD, André. “A análise documental”. In: POUPART, Jean.; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 295-316.

CERQUEIRA, Moriá Gomes. “Morbidade hospitalar por causas externas no Brasil”. In: **Multidebates**, v. 6, n. 1, p. 108-118. 2022.

CESARO, Bruna Campo de; SANTOS, Helen Barbosa dos; SILVA, Francisco Norberto Moreira da. “Masculinidades inerentes à política brasileira de saúde do homem”. In: **Revista Panamericana de Salud Pública**, 2019, v. 42, p. 119.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.

CORBIN, Alain; COURDINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Orgs). **História da virilidade** - v. 1: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CORDEIRO, Amanda Gabrielle dos Santos; JESUS, Beatriz Azevedo de; LOPES, Graciana de Sousa; ARAÚJO, Mirélia Rodrigues de. “Perfil das internações hospitalares na região norte durante o período de 2016 a 2020”. In: LOPES, Graciana de Sousa, BORGES, Paula Figliuolo da Cruz, ARAÚJO, Mirela Rodrigues, COMB, Karine Garcez. **Discutindo Saúde Pública na Universidade**. v. 1. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2023.

CONNEL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. In: **Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, 2013. p. 241-282.

\_\_\_\_\_. “Políticas da Masculinidade”. In: **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, 2017.

CRUZ, Suzyelaine Tamarindo Marques da; ROSA, Edinete Maria; COUTINHO, Sabine Mantuan dos Santos. “Representações sociais sobre jovens e juventude para jovens universitários”. In: **Psicologia e Saber Social**, v. 5, n. 2, 2016. p. 169-186.

CUNHA, Diogo da Silva. **Manchetes, títulos e suas formas de expressão**: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver. Monografia (Comunicação Social e Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DANTAS, Guilherme Coelho. “Grupo de homens, estratégia bem-vinda e promissora para melhoria da abordagem na consulta médica”. In: **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. v. 27, 2023. p. 1-5.

FAUSTINO, Michel. **Polícia prende jovem que armou “cilada” para matar atual namorado da ex**. Campo Grande News, 2016. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/policia-prende-jovem-que-armou-cilada-para-matar-atual-namorado-de-ex>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

FERNANDES, Adriano. **Jovem morre em troca de tiros com atual marido da ex**. Campo Grande News, 2020. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/jovem-morre-em-troca-de-tiros-com-atual-marido-da-ex>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

FILHO, Paula Dovana Simplício Honório; COSTA, André de Abreu. “Populismo penal midiático: exploração midiática da criminalidade e a espetacularização do crime”. In: **Revista Brasileira de Estudos de Segurança Pública**, v. 12, n. 1, 2019. p. 76-91.

FORNARI, Lucimara Fabiana; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. “Perspectiva dos profissionais da rede intersetorial sobre intervenção educativa para o enfrentamento da violência de gênero”. In: **Escola Anna Nery**, v. 27, 2023.

FRIAS, Sílvia. **Acusado de tentar matar traficante rival a tiros é condenado a 8 anos de prisão**. Campo Grande News, 2019. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/acusado-de-matar-traficante-rival-a-tiros-e-condenado-a-8-anos-de-prisao>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

GALDINO, Jhulia Cleopatra Silva Rodrigues; CHABAN, Leila. **Em briga de marido e mulher se mete a colher**: Uma Discussão Sobre Femicídio no Cenário Varzeagrandense. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Centro Universitário Univag. 2020.

GARNES, Geisy. **Durante discussão adolescente de 17 anos é esfaqueado pelo amigo**. Campo Grande News, 2017. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/durante-discussao-adolescente-de-17-anos-e-esfaqueado-pelo-amigo>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

----- **Homem acusa marido da ex de estupro e tenta matá-lo.** Campo Grande News, 2020. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/homem-acusa-marido-da-ex-de-estupro-e-tenta-mata-lo>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

GAWRYSZEWSKI, Vilma Pinheiro; SCARPELINI, Sandro, DIB; Jorge Adalberto; JORGE, Maria Helena Prado de Mello; PEREIRA JUNIOR, Gerson Alves. “Atendimentos de emergência por lesões decorrentes de causas externas: características das vítimas e local de ocorrência”. Estado de São Paulo, Brasil, 2005. In: **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 5, 2008. p. 1121-1129.

GUERRA, Valeschka Martins; SCARPATI, Arielle Sagrillo; BRASIL, Julia Alves; LIVRAMENTO, André Mota do; SILVA, Cleidiane Vitória da. “Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra”. In: **Psicologia e Saber Social**, v. 4, n. 1, 2015. p. 72-88.

GOMES, Romeu. **Saúde do homem em debate.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

GOMES, Carlos Magno. “A autópsia do feminicídio na ficção de Marina Colasanti e Patrícia Melo”. In: **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, v. 37, 2022. p. 9-23.

GONTAREK, Dimas Diego; SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; GOMES, Fernando Bernati. “Gênero, masculinidades e espaço carcerário na experiência de homens em Ponta Grossa, Paraná”. In: **Revista da ANPEGE**, v. 14, n. 25, 2018. p. 103-122.

GRISOSKI, Daniela Cecília. “Divisão sexual do trabalho no contexto da Polícia Militar: uma análise no campo da psicodinâmica do trabalho”. In: **Psicologia Revista**, v. 31, n. 2, 2022. p. 287-309.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da violência no Brasil: óbitos por arma de fogo**, 2023. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/5/bitos-por-armas-de-fogo>>.

LUIZAGA, Carolina Terra de Moraes. **Mortalidade masculina no tempo e no espaço.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MAIA, Adriane Batista Pires; ASSIS, Simone Gonçalves; RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; PINTO, Liana Wernersbach. “As marcas da violência por arma de fogo em face”. In: **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, v. 87, n. 2, 2021. p. 145-151.

MALTA, Deborah Carvalho; MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOARES, Aauto Martins; SILVA, Marta Maria Alves da; MONTENEGRO, Marli de

Mesquita Silva; LADEIRA, Roberto Marini; MORAIS NETO, Otaliba Libanio de; MELO, Ana Paula; MOONEY, Meghan; NAGHAVI, Mohsen. “Mortalidade e anos de vida perdidos por violências interpessoais e autoprovocadas no Brasil e estados: análise das estimativas do Estudo Carga Global de Doença, 1990 e 2015”. In: **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, 2017. p. 142-156.

MARCHESINI, Lucas. “Homens são 96% dos donos de armas do Brasil”. In: **Metrópoles**, 2021.

MARTINS, Alberto Mesaque; MODENA, Cecília Maria. “Estereótipos de gênero na assistência ao homem com câncer: desafios para a integralidade”. In: **Trabalho, Educação e Saúde**, vol. 14, 2016. p. 399-420.

\_\_\_\_\_. “Acesso da população masculina e utilização dos serviços de Atenção Primária à Saúde em Belo Horizonte – MG”. In: **Revista de APS**, v. 20, 2017. p. 482-492.

MARTINS, Alberto Mesaque; DAL VESCO, Gabriel Recalde, DUTRA, João César Anes, CARMO, Rhayane Maria Medeiros Ribeiro do, BAPTISTA, Cremildo João. “Male mortality from external causes and its trend in three ecological clusters, 2010 to 2019: implications of schooling, race, and gender on the epidemiological profile and trends. In: **Saúde e Pesquisa**, v. 17, n. 1, 2024.

MASCARENHAS, Márcio Denis Medeiros; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. “Caracterização das internações hospitalares por causas externas no sistema público de saúde, Brasil, 2011”. In: **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. 4, 2015. p. 771-784.

MATOS, Karla Fonseca de; MARTINS, Christine Baccarat de Godoy. “Mortalidade por causas externas em crianças, adolescentes e jovens: uma revisão bibliográfica”. In: **Espaço para a Saúde**, v. 14, n. 1/2, 2013. p. 82-93.

MENDES, Wallace Goês; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da. “Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial”. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25, n. 5, 2020. p. 1709-1722.

MODESTO, João Gabriel; ALVES, Ariadne Yasmin Martins; SANTOS, Lorena Vidreira; ARCHANJO, Carolina Celestino Conceição; ARAÚJO, Gabriel Santos. “Fatores que influenciam na mortalidade de jovens por causas externas no Brasil: uma revisão da literatura”. In: **Multidebates**, v. 3, n. 2, 2019. p. 137-155.

MIRANDA, Sérgio Vinícius Cardoso de; OLIVEIRA, Pâmela Scarlatt Durães; MORAES, Virlady Cardoso de Miranda; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de. “Necessidades e reivindicações de homens trabalhadores rurais frente à atenção primária à saúde”. In: **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 1, 2020.

MORAES, Lorena Lima; PORDEUS, Aimê Felix; SILVA, Roseane Amorim da. “Um olhar de gênero sobre o cangaço”. In: **Cadernos Pagu**, v. 67, 2023. p. 1-18.

NACHIF, Maria Cristina Abraão. “O homicídio como problema de saúde pública no município de Campo Grande, MS”. In: **Psicologia e Sociedade**, v. 18, n. 2, 2006. p. 99-104.

NASCIMENTO, Luciano Bonfim do; BINSZTOK, Jacob. “Agronegócio e Acidentes de Trabalho Letais em Armazéns Graneleiros do Mato Grosso (2019-2021)”. In: **Hygeia - Revista Brasileira De Geografia Médica e da Saúde**, v. 19, n. 1907, 2023. p. 1-21.

NASCIMENTO, Mariana Costa; CALSA, Geiva Carolina. “Velhice e juventude: revisão da produção acadêmica brasileira acerca de suas representações sociais (2000-2015)”. In: **Educação e Formação**, v. 2, n. 5, 2017. p. 131-143.

OLIVEIRA, Karla de Souza; SOUSA, Marcelo Ribeiro. **Lei de execução penal: aplicabilidade e eficácia nos sistemas prisionais**. Monografia (Bacharelado em Direito) - Universidade Evangélica de Goiás, Anápolis, 2022.

OLIVEIRA, Viviane. **Suspeito de roubar mototaxista morre em confronto com a polícia**. Campo Grande News, 2016. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/suspeito-de-roubar-mototaxista-morre-em-confronto-com-a-policia>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

PADILHA, Laura Regina de Souza. **Vidas negras interrompidas: expressões do racismo e do juvenicídio em face de adolescentes e jovens negros vítimas de homicídio em 2016 em Porto Alegre**. 2023. Monografia (Bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

PEREIRA, Malu Maria de Lourdes Mendes. “Prisão em Segunda Instância: Análise Discursiva de uma Decisão do STF”. In: **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**, v. 7, n. 16, 2023. p. 176-201.

PRIORE, Mary Del, AMANTINO, Marcia. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

RODRIGUES, Luana. **Choque diz que usa força proporcional e não teme ser polícia que mata**. Campo Grande News, 2016. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/choque-diz-que-usa-forca-proporcional-e-nao-teme-ser-policia-que-mata#:~:text=Em%20entrevista%20coletiva%20na%20manh%C3%A3,for%C3%A7a%20s%C3%A3o%20legais%20e%20proporcionais>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. “A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena”. In: **Tempo social**, v. 12, 2000. p. 201-218.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANCHES, Simone; DUARTE, Sebastião Junior Henrique; PONTES, Elenir Rose Jardim Cury. “Caracterização das vítimas de ferimentos por arma de fogo atendidas pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência em Campo Grande – MS”. In: **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 1, 2009. p. 95-102.

SCHRAIBER, Lilia Blima; FIGUEIREDO, Wagner dos Santos; GOMES, Romeu; COUTO, Marcia Thereza; PINHEIRO, Thiago Felix; MACHIN, Rosana; SILVA, Geórgia Sibebe Nogueira da; VALENÇA, Otávio. “Necessidades de saúde e masculinidades: atenção primária no cuidado aos homens”. In: **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 5, 2010. p. 961-970.

SCHEIBLER, Luciano Luís. “Feminicídio”. In: **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciência e Educação**, v. 9, n. 3, 2023. p. 2232-2240.

SCHWARTZ, Eduardo. “Reflexões sobre gênero e a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem”. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, 2012. p. 2579-2588.

SCHWARTZ, Eduardo; GOMES, Romeu; COUTO, Marcia Thereza; MOURA, Erly Catarina de; CARVALHO, Sarah de Araújo; SILVA, Simone Fátima Cesar da. “Política de Saúde do Homem”. In: **Revista de Saúde Pública**, v. 46, 2012. p. 108-116.

SILVA, Abiúde Nadabe; SILVA, Simone Albino da; SILVA, Ana Roberta Vilarouca da; ARAÚJO, Telma Maria Evangelista de; REBOUÇAS, Cristiana Brasil Almeida; NOGUEIRA, Lídy Tolstenko. “Primary care assessment from a male population perspective”. In: **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 2, 2018. p. 236-243.

SILVA, Andrey Ferreira da; ESTRELA, Fernanda Matheus; MAGALHÃES, Júlia Renata Fernandes de; GOMES, Nadirlene Pereira; PEREIRA, Álvaro; CARNEIRO, Jordana Brock; CRUZ, Jordana Brock; COSTA, Dália Maria de Sousa Gonçalves da. “Elementos constitutivos da masculinidade ensinados/apreendidos na infância e adolescência de homens que estão sendo processados criminalmente por violência contra a mulher/parceira”. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 6, 2022. p. 2123-2131.

SILVA, Daniel Portela Aguiar da; RIBEIRO, Marizélia Rodrigues Costa; CARVALHO BRANCO, Maria dos Remédios Freitas; MARQUES, Márcio Thadeu Silva; ALMEIDA, Joelson dos Santos; GOMES, Jamesson Amaral; SILVA, Antônio Augusto Moura da. “Óbitos, crimes e violências não tipificadas

como crimes contra crianças e adolescentes no Maranhão, Brasil, 2014 a 2020”. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 28, n. 2, 2022. p. 421-435.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. “Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica”. In: **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 4, n. 8, 2010. p. 1-11.

SILVA, Ana Paula Sales; PONTES, Elenir Rose Jardim Cury; TOGNINI, João Ricardo Figueiras. R. F. “Perfil Epidemiológico e Custos Hospitalares de Agressões por Armas em Adolescentes em Campo Grande, MS, Brasil”. In: **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v. 4, n. 3, 2012. p. 2493-2501.

SILVEIRA, Carla Ligia Gomes; MELO, Vilma Felipe Costa; BARRETO, Anne Jaqueline Roque. “Atenção à saúde do homem na atenção primária em saúde: uma revisão integrativa”. In: **Revista de enfermagem da UFPE**, v. 11, n. 3, 2017. p. 1528-1535.

SOARES, Bárbara Musumeci; MUSUMECI, Leonarda. **Mulheres policiais: presença feminina na Polícia Militar do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SOUTO, Rayone Moreira Costa Veloso; BARUFALDI, Laura Augusta; NICO, Lucélia Silva; FREITAS, Mariana Gonçalves de. “Perfil epidemiológico do atendimento por violência nos serviços públicos de urgência e emergência em capitais brasileiras, Viva 2014”. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, 2017. p. 2811-2823.

SOUZA, Eliana Amorim; BOIGNY, Reagan Nzundu; OLIVEIR, Héllen Xavier; OLIVEIRA, Maria Leide Wand-Del-Rey de; HEUKELBACH, Jorg; ALENCAR, Carlos Henrique; MARTINS-MELO, Francisco Rogerlândio; RAMOS JUNIOR, Alberto Novaes. “Tendências e padrões espaço-temporais da mortalidade relacionada à hanseníase no Estado da Bahia, Nordeste do Brasil, 1999-2014”. In: **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 2, 2018. p. 191-202.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. “Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde”. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, 2005. p. 59-70.

THOMAZ, Diego; SANTOS, Dionys; TOLEDO, Luiz. “Ethos militar e masculinidades nos esportes olímpicos”. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, 2021. p. 1-14.

TINTI, Douglas da Silva; BARBOSA, Geovane Carlos; LOPES, Celi Espasandin. “O software IRAMUTEQ e a Análise de Narrativas (Auto)biográficas no Campo da Educação Matemática”. In: **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 35, n. 69, 2021. p. 479-496.

VALÉRIO, Alex; DE CASTRO, Danrley Pereira; FLORÊNCIO, Tiago. “Reflexões sobre masculinidades: possibilidades de interpretação a partir de uma visão analítico-comportamental”. In: **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 13, n. 1, 2022. p. 41-53.

VASCONCELOS, Iris Camilla Bezerra de Lima; PRESTES, Janaina Yara do Nascimento; RIBEIRO, Raiza Raiane Silva; LIMA, Sheila Juliana Leite; FARIAS, Suellen Daves Cardona Fernandes; BARBOSA, Luciana Dilane dos Santos; VASCONCELOS, Andreza Cavalcanti; DUQUE, Marcos André Araújo. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 9, 2019. p. 16340-16355.

WANZINACK, Clóvis; SIGNORELLI, Marcos Claudio; SHIMAKURA, Silvia; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes; POLIDORO, Mauricio; OLIVEIRA, Lilian Blanck de; REIS, Clóvis. “Indigenous homicide in Brazil: geospatial mapping and secondary data analysis (2010 to 2014)”. In: **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 7, 2019. p. 2637-2648.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO); PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION (PAHO). **Understanding and addressing violence against women: intimate partner violence**. World Health Organization, 2012.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processo de subjetivação**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

ZURUTUZA, Anahi; MENEZES, Tainara. **Jovem é assassinado com tiro no ombro por antigo rival**. Campo Grande News, 2017. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/jovem-e-assassinado-com-tiro-no-ombro-disparado-por-antigo-rival>>. Acesso em: 14 de setembro de 2023.

Recebido em setembro de 2023.

Aprovado em maio de 2024.